

## MINAR O MUNDO CIRUNDANTE

>

Estabelece-se nesta exposição um colóquio, real e imaginado, entre as artistas e as suas fontes. Vejamos os seus protagonistas reais, aos quais devemos, imediatamente, juntar-nos. Na sequência de experiências anteriores, iniciadas em 1921 e sistematizadas como romances visuais a partir de 1929, Max Ernst, alemão estabelecido em Paris, ligado desde meados da década de 10 às vanguardas que conduziram do Dada ao Surrealismo, editou em 1934 (em 7 capítulos distribuídos por 5 volumes) *Une Semaine de Bonté*.

Valentine Boué Penrose, poeta francesa, casada desde 1925 com Roland Penrose, de quem se divorciou em 1937, conheceu e frequentou os mesmos meios de Max Ernst, de quem o marido, "introdutor" do surrealismo na Grã-Bretanha, era amigo íntimo. Em 1936, interessada pelo hinduísmo, partiu para a Índia onde viveu até 1939 com Alice Rahon Paalen, casada com outro surrealista alemão, Wolfgang Paalen. Em 1951, de novo em Inglaterra, e de novo vivendo na casa de Roland Penrose e da sua nova companheira, a fotógrafa Lee Miller, Valentine compõe *Dons des Féminines*. Seguindo as mesmas minuciosas soluções técnicas das colagens de Ernst, dele se afasta pelo modo como coloca a vertigem da imaginação surrealista ao serviço de uma visão feminista radical.

Maria Lusitano vive entre Portugal, a Suécia e a Grã-Bretanha e desenvolve a sua obra (onde predomina o vídeo) como narrativa sobre os modos de relacionamento de um Eu ficcional feminino com os diferentes níveis da História. paula roush vive em Londres desde há duas décadas e situa o seu campo de trabalho no domínio da construção de livros de artista, recuperando as técnicas da colagem surrealista e pré-surrealista, enriquecendo, com esse cruzamento de linguagens, o universo da intervenção feminista que a orienta. São elas que prolongam o diálogo de Penrose com Ernst, aprofundando-o no domínio das linguagens e dos temas, revendo-o criticamente, sinalizando o lugar político da questão feminista nos dias de hoje, nele nos incluindo como entidade global e não meramente individual.

A fluência narrativa e sedutora do vídeo (construído sob os mesmos moldes da colagem), bem como o convite à formação dos espectadores, em sessões de trabalho criativo, são peças essenciais da continuidade e renovação do legado inicial, conduzindo-nos "ao funcionamento puro do pensamento" (André Breton) e ao "estranhamento sistemático" do Eu, mas sem a ilusão de que esse campo onírico, essa "alquimia da imagem visual" (Max Ernst) seja algo que exista fora da história, da ideologia ou da (o)posição dos géneros. A finalidade é dar um novo significado ao programa de Breton ao apresentar as primeiras colagens de Ernst, em 1921: "servir-se do mundo circundante para minar o mundo circundante".

João Pinharanda

## UNDERMINING THE SURROUNDING WORLD

>

The present exhibition presents a (real and imaginary) dialogue between the artists and their sources. Let us look at these protagonists, with which we must at once engage. In the wake of previous experiments, which began in 1921 and took the form of visual novels from 1929 on, Max Ernst, a Paris-based German artist, connected since the mid-1910s to the artistic avant-gardes ranging from Dada to Surrealism, published in 1934 (in 7 chapters divided in 5 volumes) *Une Semaine de Bonté*.

Valentine Boué Penrose was a French poet, who married in 1925 Roland Penrose, from whom she divorced in 1937; she moved around the same milieux as Max Ernst, of whom her husband, the 'introducer' of Surrealism in Great Britain, was a close friend. In 1936, an interest in Hinduism led her to move to India, where she lived in the company of Alice Rahon Paalen, the wife of another German Surrealist, Wolfgang Paalen. In 1951, having returned to England and to the house of Roland Penrose and his new partner, photographer Lee Miller, Valentine created *Dons des Féminines*, a work that explored the same painstaking technique of Ernst's collages, but distanced itself from him by putting the dizzying powers of Surrealist imagination into the service of a radical feminist vision.

Maria Lusitano divides her life between Portugal, Sweden and Great Britain; her work (in which video plays a predominant role) develops itself as a narrative on the ways a fictional female 'I' relates to History's various levels. paula roush has been living in London for the past two decades; her field of work is the making of artist's books. For that purpose, she revives Surrealist and pre-Surrealist collage techniques, using these combinations of forms to enrich her universe of feminist intervention. The two extend Penrose's dialogue with Ernst, deepening it in terms of forms and subjects and revising it critically in order to gauge the present political situation of feminism and bring us there as a global, instead of merely individual, entity.

The seductive, narrative flow of the video (which makes use of the same principles as collage), together with the possibility, offered to visitors, of taking part in sessions of creative work, are essential to the continuity and renovation of the initial legacy, bringing us 'to the pure functioning of thought' (André Breton) and to the 'systematic estrangement' of the 'I', while freeing us from the illusion that this oneiric territory, this 'alchemy of the visual image' (Max Ernst), can exist outside history, ideology or gender (o)pposition. The intention is to lend a new meaning to the words Breton used to present Ernst's first collages, in 1921: 'using the surrounding world to undermine the surrounding world'.

João Pinharanda

ano & paula roush

